

inuação da pág. anterior)

dia) ler melhor sorte.

STA LISBOA... E A OUTRA

ela entrevista com o
lecto Nuno Portas!
vai esquecê-la tão ce-
Quem pode adormecer
rente diante da sorte
espera a cidade? Quem
ficar morto depois do
de alarme que Nuno
despertou?

que, de súbito, apare-
novo conceito, uma
dimensão de Lisboa. A
alargou para além dos
limites. Há hoje uma
cidade nos subúrbios
Lisboa. Para se falar em
Lisboa, teremos de falar da
da Banheira, Loures,
Odivelas, Brandoa... E sen-
a continuação de Nuno
Portas, o seu esforço por
os nomes das povoa-
ções mais pobres que ro-
Lisboa de uma autên-
tinha de pobreza,
suas palavras ficam
de nós, elas também
abrir caminhos.

Lisboa é uma das capitais
menor captação de zo-
nas verdes...

Estado rural fixa-se nos
margens da cidade. Vêm
algumas esperanças e
hipóteses...

dos subúrbios que exis-
tiam número de crian-
ças de jovens. Se não qui-
ssem comprometer mais o
Estado, é para aí que deve-
mos dirigir os olhos...

de escolas, hospitais e
serviços que Lisboa precisa,
de construções opu-

das, com excepção
do costa da Lisboa antiga,
as costas do rio...

há uma única expla-
nação de para o Tejo...
casa mais escandaloso

o tratamento dado á
da República...

Banca Pombalina pro-
de concurso público.
tática do concurso pú-
é urgente ressuscitar a

refeções em curso, pois só
de concurso público
possível aproveitar o me-
das capacidades.

da Banheira, Bran-
doa... é que estão as
do futuro...

Slm. Nas palavras de Nuno
Portas não houve a mínima
pintura folclórica, género
«Lisboa, gaiata, de chinela
no pé...» «Por isso, os que
aman esta «cidade laranja e
ouro» de Pablo Neruda, lhe
estão gratos porque ganhá-
ram novas razões para amá-
la mais, defendendo-a mel-
hor.

MAIS UMA EMPREGADA ...PARA O TEATRO?

Não esteve, há tempos, na
emissão de «Zip-Zip» uma
empregada doméstica. Em
sua substituição veio ontem
a menina Idalina de Jesus,
representada por Maria Emí-
lia Moreira de Carvalho.

Aquilo que «esta» empre-
gada nos disse importa pou-
co, em comparação com o
que a outra nos não disse.
Aliás, tudo foi dito sem gran-
des preocupações de crítica
às estruturas familiares bur-
guesas ou pequeno-burguesas.
O que verdadeiramente con-
tinha foi a interpretação.

Evidentemente não vou tão
longe como Sotnado ao de-
clarar que nasceu uma nova
atriz de Teatro, de Rádio,
de Televisão. A prova pre-
stada envolvia algumas difi-
culdades que Maria Emília
resolveu aparentemente com
uma pena às costas. Por
simples prudência, não acei-
to a marca firme de uma
realidade; medito antes nos
sinais de promessa.

É mais tranquilizante para
nós todos, todos, incluindo a
Maria Emília.

TEMPO PERDIDO, TEMPO ENCONTRADO

O «exterior» de Coimbra
proporcionou-nos o con-
tacto com uma valiosa tarefa
de procura do tempo perdi-
do. D. Adília Alarcão, con-
servadora do Museu, contri-
buiu muito para o entendi-
mento da importância dessas
e outras escavações. A câmara
acompanhou-a o melhor
possível. A visão dos objec-
tos, instrumentos de traba-
lho, adornos, etc., foi fértil em

encantamento para os olhos
e para o espírito. E se é ver-
dade que não se procedeu a
uma crítica á forma como
os trabalhos têm sido efec-
tuados (e foi pena, pois se o
público aprecia conhecer
os problemas dos tempos
antigos, mas aprecia tam-
bém conhecer os problemas
de hoje), também é verdade
que a visita a «17 quilóme-
tros a sudoeste de Coimbra»
se fechou com saldo franca-
mente positivo. Pois se o
próprio Nuno Martins não
conseguiu estragar a visita...

VOZ... E GARGANTA

Luís Andrade começou
com sonhos de cantor, aca-
bou com as realidades de
realizador da Televisão. Pe-
lo que ontem vimos, mesmo
dando o desconto dos seis
anos de destreino, a mudan-
ça justificava-se sem neces-
sidade de mais explicações.

Ficou, pois, compreendida
a razão por que Luís Andra-
de não foi cantor. É certo
que a primeira demonstra-
ção, a de «André Chenier»,
bastava. A segunda interpre-
tação foi chover no molhado.
De qualquer delas, já o reali-
zador da Televisão deve hoje
torcer a orelha. Pagam-se
caro, ás vezes, no conceito
público, estes regressos in-
controlados aos sonhos juve-
nis.

Gostaríamos, depois, de ou-
vir falar o realizador de Te-
levisão. Conhecer os passos
mais significativos da sua
experiência em caminho tão
difícil. Disso, nada, ou qua-
se nada, nos foi dito. Embre-
nhou-se em generalidades
pró-televisão que não eram
ali chamadas. Fez-nos sorrir,
aquela sua afirmação de que
a maioria do público do nos-
so País não sabia o que era
teatro — e agora sabe, gra-
ças á Televisão...

O problema, claro, não
consiste em saber se o que
se fez bom não poderia ter
sido melhor; se o que se fez
mal, não seria evitável; se
o que se fez de péssimo não
destruiu o amor pelo teatro,
em lugar de o favorecer.

E quanto á razão da fra-
güidade de certas variedades
não venha com a história
dos 12 mil contos do Sinatra.
Não a culpa não é do conta-
do do Sinatra. Esta, pelo me-
nos. Há muitas culpas, isso
há. Podia-se conversar longa-
e utilmente a este respeito.

A verdade, a verdade é
que o realizador Luís Andra-
de fez falta no tratamento
do entrevistado Luís Andra-
de. Que ideia foi aquela de

cantar sempre a três quar-
tos? Era para o bilhete de
identidade?

ONDE MUITO SE LAVOU

Com a presença da Ti El-
vira, lavadeira de Canegás,
tivemos um dos momentos
mais extraordinários da his-
tória do «Zip-Zip». Com total
abandono da teatralidade, tão
do gosto do povo quando ele
está para aí virado, a Ti El-
vira desvendou diante dos
olhos comovidos dos teles-
pectadores, não apenas a sua
história, mas a história de
tantos, tantos de nós. Foi to-
do o sofrimento do nosso
povo estampado nesta figura
terrivelmente seca e terrivel-
mente amável. Com 65 anos,
trabalha desde pequenina,
sem repouso. Antigamente,
com a «jumenta» Catarina vi-
nha a Lisboa e regressava,
em 10 horas. Agora, utiliza
a camioneta — mas gasta nas
passagens tudo quanto gan-
ha. A evolução da sua exis-
tência resume-se nisto: ou-
torava, não ganhava nada,
agora também não...

A sua vida foi sempre as-
sim: trabalhar. Quando chove,
aproveita a água e lava
no tanque, em casa; senão,
vai lavar á ribeira. E já la-
sendo levada numa cheia
para acudir á roupa das se-
nhoras, coladinhas, que são
tão suas amigas...

O grande espectáculo da
entrevista foi a presença da
Grande Realidade, quando
Raul Sotnado sugere que tal-
vez o Menino Jesus lhe des-
se, pelo Natal, uma máquina
de lavar...

Sotnado nem através do
Menino Jesus é rico. Ao me-
nos, já agora, tanto fazia ao
Menino oferecer-lhe uma má-
quina, como uma lavandaria,
tanto quanto possível «self-
service», que é o que mais
precisa a Ti Elvira.

Assim mesmo, a Ti Elvira
riu a bom rir. Máquina? Era
um grande milagre, esse. E
para que queria ela a má-
quina se lhe faltava a elec-
tricidade e se, de água, só
tinha a que lhe caía da cha-
uva em cima da cara, quan-
do dormia.

Vai ser grande a tarefa do
Menino Jesus: lavandaria,
instalação eléctrica, benefi-
cições no telhado. Mas a Ti
Elvira já se desenganou de
tudo. «Estou numa idade mu-
to avançada...»

Ti Elvira: trabalho, sem
esperança, valhice sem re-
pouso, dolorosa imagem que
nos lembra o trabalho gigan-

tesco a fazer para levar a
nossa Pátria para a frente.

«O AMOR É UM DEUS...»

Foi em beleza que «Zip-
Zip» terminou. Francisco
d'Orey veio falar-nos do amor
da música e da possibilidade
de esse amor estar cada vez
mais ao alcance do povo. Fa-
lou ardentemente da sua ex-
periência na «Indústria» cria-
dora desse amor («O amor é
um Deus de paz...») dissera
Propércio pela boca de David
Mourão-Ferreira) através do
coro da Universidade, da Ju-
ventude Musical, do Grupo
Coral da Tabaqueira. (Deve-
mos dizer, num parêntesis,
que em relação a este último,
o apetite nos ficou aguça-
do...)

O coro da Universidade
cantou-nos uma canção anti-
ga de Manuel Joaquim, uma
canção da Beira-Baixa har-
monizada por Lopes-Graça, e
o tão nosso familiar «Josézito
já te tenho dito» enriquecido
como demonstração das pos-
sibilidades corais.

Fez-se muito pelo amor da
música nesta entrevista e
nesta exibição. O operador
colheu a melhor imagem da
noite: a expressão feliz de
Francisco d'Orey enquanto
cantava a solista do Josézito.
Não era, nesse momento, um
simples rosto: era o símbolo
de muitos milhões de rostos
atentos, dispersos por todo o
País.

FIM DA OPERAÇÃO

«Zip-Zip» foi várias vezes
suspensos para dar imagens
da chegada do grupo emlu-
rado. Mal feito. Não saboreá-
mos uma coisa nem outra.
Aliás, esta não tinha grande
originalidade: era uma che-
gada ao Pacífico igualzinha
a tantas outras nossas com-
ediadas, com a única novidade
de assistirmos á queda da
cápsula na água. Registe-se
que o esforço da câmara para
acompanhar o movimento da
cápsula até ao embate com
o oceano foi das coisas mais
bellas a que já assisti em Te-
levisão.

Final da operação «Apolo-
-12» pode resumir-se a acti-
vidade de José Mensurato
numa simples frase: ultrapassou
em eficiência a do «Apolo-11». Constatado, foi
ele o 3.º homem que esteve
(sempre) na Lua. Mas deu
nas vistas a insistência com
que batia a tecla do cumprí-
mento do horário. Caramba!
Que bom expedidor da Car-
teris se está ali a partir!

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV